



ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA E AFETIVIDADE: AVANÇOS CLÍNICOS E ESCOLARES DE CRIANÇAS NEURODIVERGENTES

Tamires Beatriz Ratis da Silva

RESUMO

A ABA, análise do comportamento aplicada, é a ciência do aprendizado e do comportamento, tendo como um dos seus objetivos o desenvolvimento de habilidades comportamentais, nesse sentido, as suas respectivas intervenções auxiliam no desenvolvimento da linguagem, o social, comportamentos autolesivos e heterolesivos, entre outros. Sendo a ciência ABA considerada mais eficaz nos acompanhamentos dos indivíduos autistas, bem como outros transtornos do neurodesenvolvimento. Entendendo que o aluno transfere para os conteúdos escolares todos os estímulos, bem como afeto que recebe do professor, dessa forma, fica elucidado a importância e a influência do afeto no processo de aprendizado, no que concerne a análise do comportamento aplicada- ABA, utiliza-se de estratégias de reforçamento para o processo de ensino, concomitantemente, ao utilizar das estratégias promovidas pela ABA, o processo principal para que ocorra de forma eficaz e mais rápida, é a afetividade, ressaltando que a ciência ABA atribuída ao ambiente clínico e escolar, mostra-se de forma eficaz. O presente artigo se dedica a elucidar essa inter-relação, através de uma análise qualitativa e levantamento bibliográfico de cunho exploratório, nesse sentido, dando ênfase as estratégias de ensino e reforço diferencial da análise do comportamento aplicada, fazendo entender a importância da ciência ABA e do afeto no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: APRENDIZAGEM, AFETIVIDADE. ABA. COMPORTAMENTO. NEURODIVERGENTES.



ABSTRACT

The Applied Behavior Analysis (ABA) is the science of learning and behavior, aiming to develop behavioral skills. In this regard, its respective interventions assist in the development of language, social skills, self-injurious and other behaviors. ABA is considered more effective in supporting individuals with autism and other neurodevelopmental disorders. Understanding that students transfer all stimuli and affection received from the teacher to academic content, the importance and influence of affection in the learning process become evident. Concerning Applied Behavior Analysis (ABA), reinforcement strategies are employed for teaching. Simultaneously, when using ABA-promoted strategies, the primary process for effective and faster outcomes involves the element of affection. It is noteworthy that ABA, whether applied in clinical or educational settings, proves to be effective. This article is dedicated to elucidating this interrelation through qualitative analysis and exploratory bibliographic research, emphasizing teaching strategies and the differential reinforcement of ABA. This helps to understand the significance of ABA science and affection in the learning process.

Keyword: LEARNING, AFFECTION, ABA, BEHAVIOR, NEURODIVERGET.

INTRODUÇÃO

A análise do comportamento, apresenta papel fundamental para produzir conhecimento que capacitem os indivíduos a lidarem com o comportamento de forma eficaz e eficiente, assim como postula Skinner (1998). Matos (2016) elucida a análise do comportamento como a ciência cuja teoria e a prática contribuem para um ensino de forma eficaz e adequada ao processo de aprendizagem no transtorno do Espectro Autista.

Diante dessa perspectiva, pode-se entender que a ABA se torna eficiente não apenas para indivíduos autistas, mas também pessoas com transtorno do neurodesenvolvimento, visto que o Transtorno do Espectro Autista está no grupo dos Transtornos do Neurodesenvolvimento, sendo caracterizado por déficits nas habilidades sociais, dificuldades de comunicação e a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2000), (CID-11, 2021).

Diante disso, há necessidade de entender quais indivíduos são caracterizados por serem “neurodivergentes”, segundo (SINGER, 1999) e (SOUZA, 2018) pode ser definida como a compreensão de que condições neurológicas são diferentes do “padrão”, contudo,



são variações naturais, dessa forma, são parte da diversidade humana, assim como não necessitam de cura ou tratamentos clínicos invasivos com o objetivo de tornar os indivíduos neurodivergentes não sendo atípicos.

SINGER (2019), elucida a neurodiversidade como patrimônio de toda humanidade, não havendo distinção entre "típicos" e "neurodiversos", visto que todo ser humano se distingue unicamente em sua forma de processar os dados do mundo, ainda que sendo em graus e dimensões diversas.

Diante do exposto, pode-se inferir que se considera pessoas neurodivergentes indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, pessoas com altas habilidades/superdotação (AH/ SD), pessoas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) dentre outras com transtorno do neurodesenvolvimento. (CID-11, 2021), ou seja, estar no espectro autista ou apresentar transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), dislexia, dispraxias e outras condições do neurodesenvolvimento são possibilidades de neurodivergência (SINGER, 2019).

Indivíduos com transtorno do neurodesenvolvimento, podem apresentar características que dificultam o aprendizado (MATOS, 2016), nesse sentido, a ABA, apresenta papel importante no que concerne aos comportamentos, habilidades e déficits que necessitam de aprendizado ou que precisam serem aprendidos e modificados (STELLA 2018). Pois, através dessa ciência, há promoção de habilidades, tais como: habilidades emocionais, sociais e cognitivas (STELLA; RIBEIRO, 2018).

No que concerne ao processo de aprendizado na ABA, o processo envolve coletas de dados que possibilitam a utilização das melhores estratégias de acordo com o repertório de cada criança, sendo coletados durante todo o processo até a aquisição final, ou seja, sendo feita não apenas durante, mas também antes da intervenção, durante e após (CAMARGO; RISPOLI, 2013).

Além do exposto se faz necessário entender que a ABA como ciência, seus pressupostos são avaliar, explicar e modificar comportamentos baseado nos princípios do condicionamento operante (SKINNER, 1953). No condicionamento operante, os comportamentos são aprendidos no processo de interação entre o indivíduo e seu



ambiente físico e social (SKINNER, 1953), ou seja, podemos inferir que o comportamento é influenciado pelos estímulos ambientais que o antecedem, e são aprendidos em função de suas consequências.

Outro ponto que devemos entender, dentro da análise do comportamento, é o reforço diferencial, pois, estará inteiramente ligado ao processo de ensino, seja em ambiente clínico ou escolar dos indivíduos neurodivergentes, Moreira e Medeiros (2007), retrata o reforçamento diferencial consistindo em um procedimento de extinção e reforçamento de comportamentos sendo utilizados simultaneamente, logo, comportamentos não desejáveis que antes eram reforçados deixam de produzir reforçadores no processo de reforçamento diferencial, por exemplo, o reforçamento é utilizado para se aumentar a frequência dos comportamentos que desejam aumentar de frequência, enquanto que no processo de extinção é utilizado para a redução da frequência dos comportamentos indesejáveis por meio da ausência da emissão de reforçadores destes comportamentos.

Dentro da perspectiva do processo de aprendizado, Mauco (1986), pontua que a educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque através dela condiciona o comportamento, o caráter e até mesmo a atividade cognitiva da criança.

Deve-se ressaltar que, ainda que a Análise do Comportamento Aplicada seja ciência, faz-se necessário o que Paulo Freire (1997) elucidada, quanto a necessidade de evitar os medos que o cientificismo inoculou, o medo dos sentimentos, das ações, dos desejos ponha a perder a nossa cientificidade.

Vygotski enfatiza a teoria da zona de desenvolvimento potencial (ZDP), em que deve ser entendida como a possibilidade do sujeito se desenvolver a partir das relações sociais, elucidando a teoria como essencial na educação, bem como o ensino deve ser de acordo com o nível de desenvolvimento do indivíduo, respeitando suas barreiras no desenvolvimento (Vygotski 2001b, p. 478).

Nesse sentido, a aprendizagem, segundo Vygotski (2001), por meio da transmissão social poderá possibilitar ao indivíduo a avançar em suas potencialidades, pois, entende que tudo o que o sujeito faz hoje com auxílio, bem como orientação do



outro, poderá fazer amanhã de forma independente, pois, como enfatiza Vygotski (2003) o processo de aquisição do conhecimento envolve diversas transformações no individual e social, ou seja, afirmando também que as funções no desenvolvimento da criança surgem duas vezes, sendo inicialmente no nível social, depois no nível individual.

A afetividade, segundo Ferreira (1996), pode ser definida como sendo o conjunto de fenômenos psíquicos vivenciados e experimentados por meio de emoções e sentimentos.

Davis e oliveira (1994), postula como sendo a afetividade um dos fatores que proporcionam a aprendizagem, bem como o desenvolvimento cognitivo, pois, os indivíduos aprendem através dos sentimentos, emoções e experiências na interação com os outros.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é promover uma discussão sobre a importância da afetividade interligada a Análise do Comportamento Aplicada, entendendo os possíveis avanços clínicos e escolares dos indivíduos neurodivergentes.

Através dessa pesquisa, também será possível, trazer uma reflexão com a finalidade de desconstruir os estigmas em relação a Análise do Comportamento Aplicada, em que, por muitas vezes, acreditava-se, no senso comum, não ser possível ter afetividade diante dos seus processos, como por exemplo, dentro da terapia ABA, em que por vezes era tido como uma terapia robótica sem a possibilidade da afetividade.

METODOLOGIA

A construção desta pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa, de revisão bibliográfica de cunho exploratório, ressaltando que as pesquisas exploratórias “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema” (GIL, 1991, p. 45).

Contrapartida Cerro e Bervian (1996) postula que a pesquisa bibliográfica é o meio de formação por excelência, bem como tal forma de pesquisa constitui geralmente o primeiro passo de qualquer pesquisa científica, demonstrando dessa forma, sua relevância, pois, as análises bibliográficas, são a partir de referenciais teóricos que já foram analisados, por exemplo, livros e artigos científicos (Fonseca 2002).

Doutoranda do Curso de Psicologia clínica - UBA, tamiresratis4@hotmail.com



Dessa forma, diante do exposto fica elucidado a importância significativa desta pesquisa. A pesquisa se deteve a entender a relação da afetividade e análise do comportamento aplicada, entendendo a eficácia dessa intersecção para que haja avanços no contexto clínico e escolar dos indivíduos neurodivergentes, visto que a afetividade apresenta papel fundamental no desenvolvimento dos seres humanos, concomitante a isso a ciência ABA, ficando elucidado a eficácia dessa relação para os avanços clínicos e escolares dos indivíduos neurodiversos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Processo de Aprendizagem

Crianças com desenvolvimentos atípicos são considerados aquelas que apresentam comportamentos fora dos “padrões” e que podem ter origens diversas, como por exemplo, deficiência intelectual, transtornos de aprendizagem entre outros (ABREU 2006).

Nesse sentido, o desenvolvimento atípico considera as crianças cujo desenvolvimento se afasta da média geral da população, apresentando atraso ao que se espera para sua idade cronológica, assim como incluindo relacionamento, comportamento e aprendizagem escolar (organização panamericana de saúde 2005). Chamando ainda de desenvolvimento atípico, o desenvolvimento de crianças que apresentam atrasos e/ou prejuízos em relação às crianças com a mesma faixa etária. (LEPRE, 2008, p. 28)

De acordo com Vygotski (1954) os indivíduos se igualam devido as diferenças, ou seja, os conteúdos escolares não precisam ser necessariamente diferentes para os alunos atípicos e típicos, mas sim a abordagem, bem como a avaliação do professor de acordo com às limitações dos alunos.

Segundo Vygotsky (2011), a criança com desenvolvimento atípico, apresenta como sintoma primário, uma dificuldade real, correspondente a uma incapacidade ou a uma limitação biológica, todavia, o principal desafio da criança neurodivergente está relacionado ao sintoma secundário, à exclusão que ela tende a sofrer por apresentar uma deficiência ou transtorno.



Ainda, segundo a teoria de Vygotsky, elucidada o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) em que estabeleceu novos entendimentos da forma como a criança aprende e se desenvolve socialmente (ZANELLA, 2001; VEER, VALSINER, 2001).

Segundo Vygotsky (1994) o estado do desenvolvimento mental da criança é determinado por pelo menos dois níveis: o nível de desenvolvimento efetivo e a área de desenvolvimento potencial, ou seja, assim como ratifica Vygotsky (2007) que o efetivo, ou desenvolvimento real, são funções já amadurecidas na criança, o que ela já consegue resolver de forma independente, quanto que a área de desenvolvimento potencial (ZDP), entende as funções que ainda estão em processo de amadurecimento, e que necessitam de assistência de adultos para que sejam efetivamente desenvolvidas.

Conforme ratifica Zanella (2001), elucidando que as relações envolvendo a ZDP podem ser relações adulto/criança e relações de pares. Confirmando a relação da inclusão social ao processo de aprendizado das crianças, bem como, Vygotsky (1998) ratifica que, para que haja interação e troca de informações, se faz necessário ao menos duas pessoas.

Compreender o conceito de ZDP é compreender os processos de desenvolvimento que já foram atingidos pelo sujeito (nível de desenvolvimento atual), como também aqueles que ainda estão por ser construídos ou em construção, em que a criança apresenta condições de realizar inicialmente com ajuda do outro e no futuro de forma independente (VIGOTSKI, 2001).

Através de uma ação partilhada que o conhecimento pode ser construído, em que deve se considerar tanto a relação dos indivíduos entre si, como também com o meio em que estão inseridos (VYGOTSKY, 2007), ou seja, o aprendizado ocorre diante desta inter-relação entre indivíduo e o meio, dessa forma, para melhorar o nível da aprendizagem, o indivíduo precisa interagir com o meio.

Em virtude disso, para Vygotsky (2007), através das zonas de desenvolvimento, o processo de aprendizado ocorre de forma mais eficaz, em que estão divididas em duas categorias: nível de desenvolvimento real, que se refere às etapas já alcançadas pelo indivíduo, ou seja, permitem que o indivíduo solucione problemas de forma independente,



quanto que o nível de desenvolvimento potencial, é a capacidade que o indivíduo tem de desempenhar atividades desde que seja mediado.

Dessa forma, o educador e o terapeuta é um mediador entre o indivíduo e o mundo, bem como um facilitador da ZDP da criança, em que o ajuda a interagir com os outros e consigo mesmo, dessa forma, podendo atingir seu verdadeiro potencial (Vygotsky 2007).

Afetividade no ambiente Clínico e Escolar

O termo afetividade se refere à capacidade do ser humano de ser afetado seja de forma positiva ou de forma negativa, seja por sensações internas como também externas, dessa forma, a afetividade é um dos conjuntos funcionais dos indivíduos e age, com a cognição e o motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. (SALLA, 2011 pag.1).

Para Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa, bem como a construção do conhecimento. Dessa forma, a emoção elucida como instrumento de sobrevivência pertencente ao homem, sendo fundamentalmente e social, assim como constituindo também uma conduta com profundas raízes na vida orgânica (DANTAS 1992).

Silva (2001) elucida a importância do professor para que os alunos se sintam mais seguros, do mesmo modo, estabelecendo um ambiente de aprendizado tranquilo, pois a afetividade se faz presente no dia a dia da sala de aula, sendo demonstrada pela postura do professor ou até mesmo pela forma que apresenta sua aula ou nas interações entre os indivíduos. Essa mesma dinâmica, está inteiramente ligada à postura que o terapeuta toma dentro do ambiente clínico.

Nesse sentido, Pacheco (2014), ratifica que quando a relação professor-aluno é recíproca, ou seja, de bons encontros, a partir desse pressuposto há uma criação de um laço afetivo corroborando para o processo de ensino e aprendizagem dos indivíduos,



dessa forma, quando o terapeuta apresenta essa postura, o processo de vinculação ocorre de forma mais eficaz, tornando de forma mais promissora os avanços clínicos.

Segundo Luck e Carneiro (1983), os profissionais que são capazes de desenvolver habilidades afetivas comportamentais, observam maiores desempenho das crianças que os acompanham, essa dimensão afetiva, dar-se não apenas pelo carinho físico, mas também em forma de elogios, uma escuta afetiva, bem como, muitas vezes valorizando suas ideias trazidas, seja no ambiente escolar ou clínico. Visto isso, o professor ou terapeuta deve levar em consideração à criança como ser integral, dessa forma, deve ser respeitado seus conhecimentos prévios e particularidades.

Ainda, entendendo a dimensão da afetividade, a relação afetiva de uma criança com os pares também promove a aquisição de habilidades, ou seja, o comportamento de uma criança pode ser importante fonte de incentivo para o comportamento de outra, as interações entre pares enriquecem fortemente a qualidade das relações afetivas e favorecem a aquisição de repertórios sociais e acadêmicos, como podemos inferir, o procedimento de aprendizagem por pares, ocorre com uma criança ficando responsável para ensinar ou auxiliar outra criança em atividades e ou habilidades, pois, muitas habilidades cognitivas as crianças desenvolvem nas relações sociais (Greenwood & Hops, 1981).

La Taille (1992) infere que não se pode separar afetividade e cognição, dessa forma, entende que a afetividade é vital para todos os seres humanos, não importando a idade, contudo, sendo mais relevante no desenvolvimento infantil, visto seu papel para o desenvolvimento cognitivo.

Diante de todo o contexto da afetividade Tassoni (2000, p.3) pontua que:

Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos.



Tassoni ao afirmar tais palavras, ratifica as interações sociais, assim como a qualidade da relação que o indivíduo será capaz de ter com os objetos, ou seja, a afetividade facilitará o aprendizado no social e depois no individual.

Dessa forma, fica elucidado que quanto maior a ligação afetiva dos seus pais, professores e terapeutas com a criança, maior o seu desenvolvimento emocional, social e cultural. Inferindo a importância e relevância da afetividade dentro do contexto clínico e escolar (PACHECO, 2014).

Racismo em ambiente escolar

A construção subjetiva do indivíduo dar-se início na infância, bem como no ambiente escolar, dessa forma, sendo fundamental para o desenvolvimento interpessoal, visto ser um espaço em que há a possibilidade de o indivíduo desenvolver-se enquanto cidadão. (Georgen 2005).

Ainda hoje na sociedade há marcas do racismo seja de forma estrutural ou não, segundo pontua Gomes (2003) expondo o fato dos negros não serem vistos na sociedade sem os rumores de olhares preconceituosos, diante disso Clasto e Toniosso (2018), afirmam:

a reprodução do preconceito se manifesta incansavelmente na linguagem escolar, tanto dos alunos, como dos professores, gestores e todos os funcionários da educação. E muitas das vezes, as atitudes racistas que se dão no interior da sala de aula não são levadas a sério. São provocações, piadinhas e apelidos-geralmente —amenizadosl por sorrisos — e que terminam sendo vistos como —brincadeirasl e não como afronta e desrespeito que precisam ser considerados. (CLASTO; TONIOSSO, 2018, p. 136).

Logo, conforme exposto, elucidada a existência do racismo na escola, em decorrência disso, torna-se visível o preconceito, bem como a discriminação no ato de inferiorizar a raça negra que constantemente sofre com atitudes racistas e



preconceituosas, sendo tais atitudes tratadas dentro do ambiente escolar com naturalização.

Os indivíduos formam suas identidades a partir da relação intersubjetiva com o outro, ou seja, no meio social em que está inserido conforme pontua Georgen (2005). Logo, fica elucidada a relação do racismo e a influência no ambiente escolar, outrossim, assim como Zigouris (1995) retrata, o racismo como sendo uma experiência traumática, atrelado ao fato que no processo de aprendizagem às relações interpessoais exercem um papel fundamental e necessário, pois, as crianças que sofrem racismo, conseqüentemente podem não desenvolver a aprendizagem de forma eficaz.

Vygotsky (2007) defende que o aprendizado do indivíduo não pode ser dissociado do contexto histórico, social e cultural em que está inserido. Logo, fica evidenciado as conseqüências inerentes ao racismo, dessa forma, nota-se que quando há um ambiente opressor em que o indivíduo sofre o racismo há um baixo desenvolvimento, bem como dificuldade no aprendizado.

Mussen (1995) e Power (1998) elucidam que, quando a criança apresenta o sentimento de rejeição, bem como há o sentimento de inferioridade perante outros, há um impacto significativo em sua vida, resultando em um baixo desempenho escolar, bem como a criança poderá desencadear estados depressivos e ansiosos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base no que foi pesquisado, a partir das pesquisas realizadas, pode-se entender a importância da inter-relação da análise do comportamento e afetividade para os avanços das crianças no ambiente clínico e escolar, pois, a ABA, a ciência eficaz ao aprendizado das crianças neurodivergentes como infere Skinner (1998), juntamente com a afetividade, que segundo Pacheco (2014) produz maior desenvolvimento às crianças

Skinner (1957/1978) traz o conceito de comportamento verbal, ou seja, elucidando o comportamento verbal como um comportamento que é reforçado por outra pessoa.



Kohleberg e Tsai (1991) concluíram que o centro do processo terapêutico é a relação psicoterapêutica, dessa forma as ações do terapeuta e do professor afetam a criança através de três funções de estímulo: eliciadora, reforçadora e discriminativa.

Medeiros (2002) ratifica que o terapeuta e professor deve ficar sob controle do cliente como audiência para o seu comportamento verbal, ou seja, usar as próprias palavras da criança, dessa forma possibilita um melhor controle sobre o seu comportamento, também é importante mostrar-se atento, ressaltando que a formação do vínculo é fundamental para o processo de evolução.

Sarason (1972) ratifica a importância da função do terapeuta na relação com os indivíduos, indicando a influência social do comportamento do terapeuta sobre o cliente, ou seja, que o terapeuta quando faz uso de seu próprio comportamento como reforço passa a ser de extrema importância para a evolução.

Diante disso, a análise do comportamento também traz contribuições ao que Vygotsky (2007) elucida quanto ao parceiro que auxilia no desenvolvimento do potencial da criança, assim como La Taille (1992) nos traz, a conclusão de que não pode haver separação entre afetividade e cognição.

Diante de todo exposto, fica evidenciado também a inter-relação entre afetividade, ABA e teoria de Vygotsky (2007), das zonas de desenvolvimento, sendo o educador e o terapeuta um mediador entre o indivíduo e o mundo, bem como um facilitador da ZDP da criança.

Assim como, após entender como se dá o processo de aprendizado, bem como a importância da afetividade para os avanços da criança, fica notório a influência do racismo dentro desse processo, em que, as crianças que sofrem com o racismo segundo Power (1998), podem resultar em um baixo desempenho escolar além da possibilidade de aquisição de ansiedade e depressão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto, este trabalho abordou temas centrais ligados à educação e ao ambiente clínico, discutindo temas essenciais para o desenvolvimento dos indivíduos neurodivergentes.

Ademais, vale ressaltar a importância do afeto para que os indivíduos tenham avanços clínicos e escolares, pois, através desta pesquisa, fica elucidado que todos os indivíduos recebem influências do meio social, bem como o afeto pode afetar de forma significativa os aspectos cognitivos.

Diante disso, como perspectivas futuras este trabalho deve coletar mais dados, com a finalidade de fomentar uma maior discussão, bem como ampliar os estudos frente ao assunto postulado aqui.

Bem como, fazer desta pesquisa, prática inerente a todos os indivíduos que atuam com pessoas neurodivergentes, pois, visto que as pessoas neurodivergentes ainda sofrem estigmas, que impedem seus avanços clínicos e escolares.

Assim como pontua Vygotsky (1993) ressaltando que quem separa o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, dessa forma, nega a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, ou seja, a separação entre o afeto e a cognição torna-se um equívoco.



REFERÊNCIAS

(MAUCO, 1986 apud De PAULA e FARIA, 2010 p.2)

_____. (2001b). *Psicologia pedagógica*. São Paulo, Martins Fontes.

_____. Seis estudos de Piaget. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. O nascimento da inteligência da criança. Editora Crítica: São Paulo,

1986. _____. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, imagem e representação.

BECKER, Fernando. O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: Da ação à operação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COLL, César. (et. al). O construtivismo na sala de aula. Tradução: Cláudia Schilling. São Paulo: Ática, 2009.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Psicologia na educação*. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.

Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (**DSM-V**). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.).

FREIRE, P. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997b.



Greenwood, C. R., & Hops, H. (1981). Group-oriented contingencies and peer behavior change. In P. S. Strain (Ed.), *The utilization of classroom peers as behavior change agents* (pp. 189-259). Cham: Springer.

LEFRANÇOIS, Guy R. *Teorias da Aprendizagem*. Tradução: Vera Magyar. 5ª edição. São Paulo: Cengage Learning, 2008

Medeiros, C. A., Medeiros, N. N. F. A. (2011). *Psicologia Comportamental Pragmática*. Em C. V. B. B.; C. E. C.; M. F. B. *Comportamento em foco 1*, p. 417-436. São Paulo: ABPMC.

Moreira, M. B. & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos da análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed

PIAGET, Jean. *Epistemologia Genética*. Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

ROBBINS, Stephen P.; JUDGE, Timothy A.; SOBRAL, Filipe. *Comportamento organizacional: teoria e prática no contexto brasileiro*. 14. ed. Rio de Janeiro (RJ): Pearson Prentice Hall, 2011.

SELLA, C. A; RIBEIRO, M. D. *Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista (organizadores)*. 1.ed. Curitiba: Appris, 2018.

SINGER, J. *Neurodivergent from what, exactly? Reflections on Neurodiversity*, 10 out. 2019. Disponível em <<https://neurodiversity2.blogspot.com/search?q=neurodivergent>>. Acesso em: 3 mar. 2022.



Skinner, B. F. (1953/1994). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, trads.) São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B. F. (1957/1978). *O comportamento verbal* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.

SINGER, J. Why can't you be normal for once in your life? From a 'problem with no name' to the emergence of a new category of difference. In Corker M., & French S. (Eds), *Disability discourse*, 59–67. Buckingham: Open UP, 1999.

SOUZA, B. Autismo e vida em comunidade. Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas. Disponível em: *Autistas e a vida em comunidade | Opinião | Beatriz Souza – Abraça* (abraca.net.br). Acesso em: 03 de jun. 2021.

Vigotski (2001a). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo, Martins Fontes. [[Links](#)]

VIGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTEV, Aleksei Nikolaevich. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5. ed. São Paulo (SP): Ícone: EDUSP, c1994. p. 103-117.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2003.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. 182 p. (Psicologia e Pedagogia).

Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1991/2001). *Psicoterapia Analítica Funcional: criando relações terapêuticas intensas e curativas* (F. Conte, M. Delitti, M. Z. da S. Brandão, P.



R. Derdyk, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, R. A. Banaco, R. Starling, trads.). Santo André: ESETec.

ZANELLA, Andrea Vieira. Vygotski: contexto, contribuições a psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal. Itajai: UNIVALI, 2001.

ZYGOURIS, R. (1995) "A vergonha de si", in Ah! As belas lições! São Paulo: Escuta, p.42-67.